

BL
980
P8
L3524

• BREVES OBSERVAÇÕES •

**erca do methodo se-
do no 2.º vol. das "Re-
ões da Lusitania" para
eitura de certas inscri-
es latinas • • • • • • • • •**

POR

G. L. SANTOS FERREIRA



LISBOA
M. CORRÊA DOS SANTOS
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA
10, RUA DA PRATA, 12
1915

• BREVES OBSERVAÇÕES •
acerca do methodo seguido no 2.º vol. das "Religiões da Lusitania" para a leitura de certas inscripções latinas • • • • • • • • •

POR

G. L. SANTOS FERREIRA



LISBOA
M. CORRÊA DOS SANTOS
PAPELARIA E TYPOGRAPHIA
10, RUA DA PRATA, 12
1915

PROPRIEDADE REGISTADA PELO AUCTOR

O presente folheto não é posto á venda

22

Santos Ferreira

BL
980
P8L3524

Ubi sunt dii tui,
quos fecisti tibi?
JEREM. PROPH. 2-28

Uma circumstancia inesperada trouxe ás minhas mãos, ha poucas semanas, o 2.° volume das *Religiões da Lusitania*, de que é auctor o sr. Leite de Vasconcellos, erudito professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e director do Muzeu Ethnologico portuguez.

O sr. Leite de Vasconcellos é sobejamente conhecido no paiz pelo valioso concurso que tem prestado á diffusão de conhecimentos uteis e, principalmente, ao estudo da archeologia nacional.

Não precisa a sua obra de que eu lhe encareça os merecimentos, nem eu teria auctoridade para encarecel-os, como a não teria para tentar amesquinhal-os; mas não posso deixar de confessar que a leitura do 2.° volume das *Religiões da Lusitania*, ao passo que despertou no meu espirito o mais vivo interesse, tambem produziu n'elle uma tal ou qual impressão de duvida.

Não me é facil definir bem a natureza d'essa impressão, que participa a um tempo do assombro e da desconfiança. Em todo o caso, ella não modifica a muita consideração e o grande respeito que me merece o illustre auctor das *Religiões da Lusitania.*

As breves reflexões que vou fazer a proposito d'esse livro, teem por unico objectivo o esclarecimento da verdade, sem desprimôres para quem quer que seja, e teem por unico theatro o campo das locubrações scientificas. Ruins propositos ficam, portanto, arredados da minha discussão, á qual não poderá ser attribuida uma intenção hostil.

O leitor adivinha que ella será contradictoria. Assim é, com effeito, e n'isso consiste o seu unico merecimento. Contradictoria, sim, mas respeitosa e urbana.

Em poucas palavras resumo as origens da minha duvida: — a facilidade e a frequencia com que o sr. Leite de Vasconcellos descobre novos deuses da velha Lusitania, e a felicidade com que se lhe deparam monumentos *unicos*, justificativos ou indiciadores de taes descobertas. Seria para invejar, se fosse para crêr.

E' tão vasta a galeria dos deuses lusitanos trazidos por sua ex.ª á luz da historia, apoz longos seculos de supposto esquecimento, que o leitor do seu bello livro chega a persuadir-se de que o sr. L. de V. tem ao seu serviço um bom genio — uma *korrigan* — que todas as noites lhe segreda o nome de um novo deus e o local em que se encontra a pedra *unica*, que ha de testemunhar do seu apagado culto perante a geração actual.

Mas note-se, que essas descobertas são profusamente documentadas, nas *Religiões da Lusitania*, por monumentos de que ha noticia proba e authentica, e até confirmadas pelo consenso de outros homens de reputação eminente, de quem, aliás, o sr. L. de V. bem poderia dispensar a collaboração ou o applauso.

Reage, todavia, contra as conclusões que d'esses documentos em muitos casos são tiradas, o meu espirito iconoclasta, o qual, por sua vez, julga encontrar n'elles o fundamento de conclusões mui differentes. E esta disparidade de resultados provém, simplesmente, do sr. L. de V. não *querer lêr* os seus documentos, fascinado como está pelos estereis processos de Hübner, que foi sobre tudo insigne em *não lêr* inscripções romanas: porque uma cousa é publicar livros luxuosos com a reproducção d'ellas, e outra cousa é *lêl-as*.

Percorrendo o indice dos nomes *dos deuses* e *das deusas* a que ha referencias no 2.º vol. das *Religiões da Lusitania*, encontramos ali nada menos de *oito* que principiam pelas letras BAND, a saber: — *Banderaeicus*?, *Bandiaeapolosegus*?, *Bandiarbariaicus*, *Bandioilienaicus*, *Bandius*, *Bandoga*, *Bandua* e *Banduaetobrigus*? dos quaes são mais ou menos duvidosos os que levam o signal interrogativo, e *certos* ou *quasi certos* os demais.

O sr. L. de V. faz eruditas considerações ácerca do *thema* inicial *Band, — provavelmente céltico* — o qual contém a idéa de «ordenar», «prohibir» e lhe parece ter ligações com o *sãoskrito.*

Ora, as quatro letras BAND, muito longe de constituirem um *thema* céltico, mais ou menos derivado do sãoskrito, são as iniciaes das palavras «Bonis Auspiciis Numini Dedicatum», e formam, por assim dizer, um dos innumeros *chavões* do phraseado typico das inscripções romanas. A estas quatro letras costumavam seguir-se, immediatamente, as iniciaes do nome e dos qualificativos da divindade a quem o monumento era dedicado.

Esta forma abreviada, que hoje poderia ser origem de hesitações ou de duvidas para uma exacta leitura, não tinha inconveniente algum no tempo antigo: em primeiro logar, porque toda a gente sabia quaes os deuses venerados n'este e n'aquelle logar, mesmo sem lêr as dedicatorias, exactamente como hoje sabemos onde se venera tal ou tal *santo*, sem que vejamos os seus nomes escriptos em parte alguma; em segundo logar, porque, sempre que havia receio de confusão, punham a primeira syllaba do nome em vez da simples inicial, ou ainda o nome inteiro, se a divindade era menos conhecida, ou rara vez invocada n'aquelle logar.

Peço agora ao leitor o favor de abrir o 2.º tomo das *Religiões da Lusitania*, a pag. 316.

Encontra ahi noticia de uma deusa, por nome *Bandoga (!)*, que se diz ser apenas conhecida pela inscripção, gravada em certo monumento, a qual reproduzo á margem, tanto quanto m'o permittem os caracteres de que dispõe a officina em que este folheto é impresso.

BANDOGE
VOTVM
CAMALI
VLPINIF
CELTIVS
FILIVS
SOLVIT

O sr. L. de V. lê assim: — *Bandoge Votum Camali Ulpini Filii Celtius Filius Solvit*. O que, traduzido, diria: — «A Bandoga. O voto de Camalo, filho de Ulpino, cumpriu seu filho Celcio.» E' simples, e admiravelmente commodo. A minha leitura é um pouco mais complicada. Eil-a: — *Bonis Auspiciis Numini Dedicatum Optimae Cereris. Votum Camali Ulpini Filii*, etc. Ou

seja: — «Dedicado com feliz agouro á divindade da optima Ceres: o voto de Camalo, etc.»

As razões por que tomo por C e não por G (*) a penultima letra da dedicatoria, e leio *Ceres*, são estas: o monumento era sem duvida dedicado a uma divindade de primeira ordem, de outra sorte lhe não caberia o titulo de *Optima;* nenhum nome de divindade de primeira ordem tem G por inicial; em quanto que ha dois com a inicial C, o de *Ceres* e o de *Cybele.* Para não haver duvidas entre um e outro é que a inscripção registou a primeira syllaba do nome, isto é CE em logar da simples letra inicial.

D'esta capital divergencia de leituras, uma de duas cousas poderá concluir o leitor necessariamente, ou que eu estou fantasiando, ou que... não estou fantasiando. Veremos se consigo leval-o a uma conclusão unica.

Logo a pag. 317 encontramos outra *divindade* cujo nome começa pelo *thema* céltico: — *Bandioilenaicus*, ou *Bandius Ilienaicus*, se chama, por signal.

Deve-se o achado do nome d'este *deus*, affirma o sr. L. de Vasconcellos, á inscripção gravada n'uma ara granitica de que, infelizmente, se perdeu a metade inferior. Veja-se a estampa de pag. 318, aqui reproduzida, em que o sr. L. de V. lê: *Bandioilienaico* ou *Bandio Ilienaico*, leitura que o Hübner applaudiu em bilhete postal, cuja data se consigna.

BANDI
OILIEN
ICO

E eu leio: *Bonis Auspiciis Numini Dedicatum Iovis Optimi Iliensis*, a que poderia seguir-se *Maximi Conservatorisque*, caso pudesse averiguar-se que as letras mutiladas são MCQ, como me parece possivel. A traducção é esta: — «Com feliz agouro dedicado á divindade do optimo Jupiter troiano, (maximo e conservador?).

(*) A algum leitor menos versado n'estes estudos, peço licença para dizer que na epigraphia romana é frequente encontrar-se G e C usados indistinctamente, assim como B e V, e ainda O em logar de V, E em logar de Æ, dois II em logar de E, e U em logar de I — isto além dos erros provenientes da ignorancia dos escravos canteiros, quando não da dos proprios escreventes.

A parte mais interessante da exposição do sr. L. de V. é sem duvida aquella em que nos diz que o *ILIEN* da inscripção vem do thema *ilio*, no gallês «fermentar». E eu a traduzil-o por *troiano!*...

Bandiarbariaicus é o nome, ligeiramente alterado, de outro *deus* incluido n'este novo *Flos Santorum* da Lusitania, a pag. 321. Não se explica a razão pela qual o ultimo B do supposto nome se transformou em C.

A inscripção *(unica*, como as demais) em que se fundamenta a descoberta, provém da Capinha, districto de Castello Branco. Eil-a.

AMMINVS
ANDAITIAE.F
BANDIARBA
RIAIBO.VO
TVM.L.M.S

O sr. L. de V. não nos dá a leitura d'ella por não ter a certeza da copia estar absolutamente correcta; mas julga, pelo aspecto do *nome do deus* (?), que esse nome seja, a um tempo, composto e derivado. E' um esclarecimento interessante. Isto, já se vê, sob o ponto de vista *celtiberico*.

E' para mim evidente que a inscripção está, com effeito, incompleta, por lhe faltar um B logo no principio da segunda linha, o que, se pudesse ter sido adivinhado pelo sr. L. de V., lhe teria proporcionado a alegria e a gloria de descobrir mais um *deus* lusitano, o *deus* BANDAITIA!

Mas, como não adivinhou, contentou-se com o *andaitia*, que tomou pelo nome do pae de Amminus, graças á intervenção abelhuda d'aquelle F que está no fim da mesma linha, no qual, é claro, julgou ver a abreviatura de *filius*. E n'este presupposto, incluiu *Andaitia* no rol dos nomes de homens que vem no fim do volume!

Esta inscripção é realmente curiosa, e pena foi que se perdesse. Digo curiosa, não por causa do *Bandiarbariaicus*, mas pela grande luz que derrama sobre a inconsistencia do *methodo* (?) hübneriano ou... celtiberico!

Para que fim util veiu ella ás paginas das *Religiões da Lusitania*, se não é acompanhada de uma tentativa de interpretação?

Eis a leitura que se me afigura verdadeira:

Amminus, B(onis) A(uspiciis) N(umini) D(edica-

tum) A(mmonis) J(ovis) T(onantis) I(mmortalis) Æ(terni). F(undavit).

B(onis) A(uspiciis) N(umini) D(edicatum) Iarba(e) R(equietorium) I(nstituit) AI(animo) Bo(no) Votum L(ubens) M(erito) S(olvit).

Isto é: — «Amminus, construiu este edificio dedicado, com feliz agouro, á divindade de Jupiter Ammon, Tonante, Immortal e Eterno. E fundou, com bom animo, o jazigo dedicado com feliz agouro á divindade de Iarba. Assim cumpriu gostosamente o seu voto.»

Devo accrescentar, como esclarecimento, que o *requietorium* não parece referir-se aqui ao pequeno jazigo de familia, como os que actualmente temos nos nossos cemiterios, mas a uma construcção mais vasta, destinada a recolher os restos mortaes de um grande numero de pessoas: um *ossarium* publico talvez.

E mais devo dizer, para que fique arredada da mente do leitor toda a suspeita de que *estou inventando*, que o RI da inscripção é abreviatura corrente e de frequente uso nas inscripções romanas, valendo por «requietorium instituit», e que AI BO = «animo bono» é ainda mais vulgar.

A presença do nome «Iarba», em todas as suas letras, no final da segunda dedicatoria, é exemplo do caso, já por mim referido, de ser pouco conhecida a divindade, ou raras vezes invocada no local.

Iarba era, com effeito, divindade subalterna. Filho de Jupiter Ammon e da nympha Garamante, tinha pelo pae grande amor e respeito, e dedicara-lhe na Getulia, de que foi rei, não menos de cem templos magnificos e outras tantas aras; instituira n'esses templos o *lume perenne*, sentinella permanente dos deuses; regara-lhes o pavimento com o sangue de mil victimas, e adornara-lhes os portaes com grinaldas e festões de variegadas côres. O que tudo celébra Virgilio, no liv. 4.º da Eneida, com estes quatro bellos versos:

Templa Jovi centum latis immania regnis,
Centum aras posuit: vigilemque sacraverat ignem,
Excubias Divûm æternas, pecudumque cruore
Pingue solum, et variis florentia limina sertis

Vê-se que Amminus, cuja immodestia chegava ao excesso de sobrepôr o proprio nome ao de Jupiter, e

de omittir o patronimico em documento publico (talvez por proceder de familia humilde), quiz recordar na sua obra o geralmente ignorado Iarba, como que para estabelecer entre si e aquelle um tal ou qual parallelo de munificencia e devoção por Jupiter. E assim se viu na necessidade de duplicar a dedicatoria, facto que, por insolito, torna o monumento sobremodo interessante.

Releve o leitor a digressão, que não é symptomatica de *prurigo eruditula*, e saltemos á pag. 337, onde topamos com o novo deus *Banderaeicus*, cujo arrevezado nome provém de uma lapide encontrada proximo a Ribeira de Pena.

Limito-me a mencional-o, por não haver no livro elementos sufficientes para se julgar da verdadeira lição da inscripção. Reproduzo, no emtanto, as duas variantes apresentadas, para que no espirito do leitor se não levante a suspeita de que pretendi tornear, com evasivas, uma posição vantajosa do *methodo* que combato. Eis as duas variantes:

ATLVS	...N'ELVS
AEBURRI	VEBVRRI
EIL . BANB	FIL BNND
E. PAEICo	EDMEICO
V, S. L. M.	V. S. L. M.

Qual d'ellas é verdadeira? Nenhuma, seguramente.

Diz-nos, comtudo, o sr. L. de V., palavras proprias, que «Hübner apenas apurou d'ella:... *us Reburri fil(ius)* **Banderaeico** (?) *v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, comparando com rasão o nome barbaro *Banderaeicus* com outros começados por *Band—*.»

Pois creia o sr. L. de V. que o Hübner apurou pouca cousa, e que a razão, que sua ex.ª lhe deu, foi muito mal empregada. Quanto ao *Reburri* e ao *votum libens solvit merito* é evidente ter acertado, como acerta toda a gente em lições tão banaes; sendo, aliás, palavras de importancia *absolutamente nulla* para a questão que se discute: quanto ao *nome do deus*, que é o caso importante, é o proprio sr. L. de V. que lhe estampa em frente um sincero ponto de interrogação, fi-

gurativo da sua falta de confiança no tal *apuramento*.

Aparte o nome do offerente, na primeira linha, que não posso *adivinhar*, não hesito em concluir da confrontação das duas versões apresentadas, que a inscripção seria, primitivamente, como aqui a figuro agora, e que leio: — . . . . .*us*, *Reburri fil(ius)*, *b(onis) auspiciis) n(umini) d(edicatum) E(geriae)*. *P(onendum) a(ram) ei co(eravit)*. *V(otum)*, etc., ou seja: «F., filho de Reburro, com bons auspicios dedicou este monumento á divindade de Egeria. E tratou de lhe erigir esta ara em cumprimento expontaneo da sua promessa.»

. . . . . VS
REBVRRI
FIL. BAND
E.PAEICO
V.S.L.M.

A inicial E era sufficiente para determinar o nome de Egeria, por ser divindade muito popular e conhecida. Era a *advogada* dos *partos felizes*, e todas as mulheres lhe offereciam grinaldas de flôres antes e depois de terem o seu *bom successo*.

A leitura das letras restantes não offerece difficuldade. As abreviaturas são vulgarissimas.

E' de presumir que o monumento commemore o nascimento de algum Reburrinho.

Bandua é o nome de nova personagem que entra em scena no final da pag. 337 e procede de uma lapide encontrada no districto de Bragança. O sr. L. de V. diz-nos que o nome é divino, mas nem chega a pronunciar-se sobre o sexo do nume. Apezar da clareza do texto, diz ainda o auctor, Hübner duvida da exactidão do nome de *Bandua*. Tambem eu tomo a liberdade de duvidar.

BANDV
E CORN
ELIVSo
CVLATV
SVSLM

A inscripção é, na verdade, clarissima. O sr. L. de V. lê-a assim; — *Bandu(a)e Cornelius Oculatus v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, o que eu me permitto traduzir: — «A Bandua, Cornelio Oculato pagou de boa mente o seu voto.»

Ora a minha leitura é esta: — *B(onis) a(uspiciis) n(umini) d(edicatum) Ve(neris). Cornelius, etc., etc.* Ou seja — «Dedicado, com feliz agouro, á divindade de Venus, etc.»

O leitor está vendo que o nome da deusa foi aqui

indicado pela primeira syllaba para se evitar uma possivel confusão com Vesta, Vertumno, Victoria e Vulcano, que seriam naturalmente indicados por *Ves* ou *Vest*, *Ver* ou *Vert*, *Vi* ou *Vic*, e *Vul*.

Agora temos, a pag. 341 a menção de *Banduaetobrigus;* mas sem a copia do texto. O simples exame d'este nome deixa-me persuadido de que a dedicatoria seria a Venus, como a anterior, tanto mais que uma e outra são da mesma região.

De *Bandiaeapolosegus*, pag. 343, apenas se faz menção do *nome*, indicando-se duas obras em que ha referencias a este supposto deus.

A dedicatoria era *seguramente*: — *B(onis) auspiciis) n(umini) d(edicatum) I(ovis) A(mmonis) e(t) Apollo.* Isto é: — «Com bons auspicios dedicado á divindade de Jupiter Ammon e tambem a Apollo.» O resto só em presença do texto poderia ser lido.

O nome de Apollo veiu aqui *por extenso* para evitar a confusão que resultaria do agrupamento de iniciaes referentes a mais de uma divindade.

E assim temos terminado o exame de todos os artigos correspondentes aos nomes começados por *band*, que o indice menciona.

Vejamos agora alguns outros. Mas note bem o leitor que eu não me propuz escrever *um livro* de critica ao trabalho do sr. L. de V.: escrevo apenas umas *breves observações* sobre o methodo seguido n'esse trabalho para a leitura de certas inscripções. E por isso não posso discutir, ponto por ponto, toda a vasta materia do 2.º vol. das *Religiões da Lusitania.* Nem teria competencia para o fazer.

Referir-me-hei tão sómente ás inscripções que julgo mais notaveis. Por exemplo, áquella de que se trata a pag. 324-325, e que se diz dedicada a um deus chamado *Turiaco*.

L. VALERIVS. SILVANVS
MILES.LEG.VI.VICT
OTV RIA CO
S.L.M

Acho-a interessantissima, e tenho-a por uma das de mais difficil leitura do 2.º vol. das *Religiões da Lusitania*, não obstante a sua simplicidade apparente.

Rogo ao leitor o obsequio de abrir, pois, o seu livro a pag. 324; lêr todo o artigo com attenção, e examinar com descanço o bello desenho do monumento, que eu faço aqui reproduzir *tant bien que mal;* declarando que estive tentado a reproduzir o proprio original, e que só o não fiz em homenagem aos bons principios.

A *Historia das Religiões da Lusitania* começa por nos offerecer a transcripção *in extenso*, a saber: *L(ucius) Valerius Silvanus, miles leg(ionis) VI Vict(ricis), (de)o* **Turiaco** *(v)(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito)*, e depois, em vernaculo: «Lucio Valerio Silvano, soldado da legião VI, a Vencedora, cumpriu de boa mente o voto que fizera ao deus Turiaco». E accrescenta que, como a legião esteve na Hispania no seculo I da Era christã, temos aqui a data do monumento.

Eu declaro ao leitor, em boa verdade, que se não fôra o *deus Turiaco* teria acceitado todas as affirmações do livro, como de boa lei. Mas a maldita *deiphobia*, de que padeço, obrigou-me a um estudo mais apurado. Vejamos.

Queira o leitor fixar bem o texto do livro, abstraindo de qualquer preoccupação pró ou contra a transcripção dada acima. Admitta, por hypothese, a presença de um O logo em seguida ao *Vict*, presença que o proprio desenho nos convida a acceitar, porque lá está, bem evidente, o vestigio d'esse O.

Admitta agora (outra hypothese) que as letras OTV da 3.ª linha desappareceram momentaneamente. Tape, mesmo, essas tres *pestes* com um dos dedos da sua mão esquerda... e *queira vêr*.

Terá encontrado o que, sem duvida, foi a forma primitivamente symetrica d'esta curiosissima inscripção.

L . VALERIVS . SILVANVS
MILES . LEG . VI . VICTO
RIA CO
S . L . M .

E queira lêr comigo: — *Lucius Valerius Silvanus, miles Legiones* VI, *Victoriae cohortis, S. L. M.* Ou seja: — Lucio Valerio Silvano, soldado da cohorte «Victoria» da VI legião, etc.

Desde este momento, o leitor ficará certo de que as tres letras (OTV) não pertenciam ao texto primitivo, e notará n'ellas um *quid* accentuadamente destoante do conjuncto. Não é verdade?

Vejamos agora como aquellas tres *intrusas* appareceram ali.

O final da inscripção, isto é, as tres letras S. L. M. prestavam-se aqui a um equivoco por terem duas interpretações differentes, *Solvit libens merito* e *Sibi locum monumenti:* a primeira, applicavel ao pagamento de um voto, a segunda, á escolha de um logar para sepultura.

Se a inscripção fosse destinada a monumento funebre, não haveria equivoco, e as letras diriam, sem duvida, *Sibi locum monumentum;* mas destinando-se, como é evidente, a monumento votivo, onde aliás se não mencionava dedicatoria a *divindade alguma*, a ambiguidade era manifesta.

E por que não haveria tal dedicatoria n'um monumento votivo? Seria um ponto interessante a discutir, mas que nos affastaria do nosso proposito.

O certo é que L. Valerio, ou alguem por elle, mandou consignar o *votum* na inscripção, o que levou a effeito pelo addicionamento de um *V.* á esquerda das tres iniciaes, — facto que desmanchou a primitiva symetria, e que nos é attestado pelos vestigios do V, que o texto apresenta.

Para logo se reconheceu, porem, que a amibguidade subsistia, porquanto as quatro iniciaes, como agora estavam, tanto poderiam significar *Vivens sibi locum monumentum*, como *Votum solvit libens merito.* Foi portanto resolvido que a palavra *votu*(*m*) apparecesse alli em todas as suas letras, e por isso a mandaram gravar no logar em que a vemos.

E n'estas successivas emendas teve origem o *grande deus Turiaco.*

Voltemos a folha, e logo no alto da pag. 326 deparamos com o deus *Cusuneneocus* ou *Cusunemeoecus!*

Parece haver ainda uma *ligeira* duvida sobre a melhor orthographia d'esta blasphemia.

DEOD
OMEN
O'...
NEMEC
ECOEX
VOTO

E lá temos á margem a estampa do interessante monumento (*unico*, como todos os demais) que deve estabelecer a identidade do deus. Aqui a reproduzo, sem todavia a decalcar.

N'um dos lados ha outra, que não offerece duvida.

A transcripção que d'ellas se dá é esta.

DEO D ‖ OMEN ‖ OCVSV ‖ NEN ‖ (vel M)EO ‖ ECOEX ‖ VOTO ‖
SEVE ‖ RVSP ‖ OSVI ‖ T

Não me atrevo a traduzir a de cima para não compromettér a importancia do achado. A segunda, essa diz, sem duvida: «Erigido por Severo». Em todo o caso, n'aquella primeira linha encontra o sr. L. de V. sufficiente documentação do nome de um novo deus.

As minhas vistas não vão tão alto. Contento me em vêr n'elle um monumento ingenuo como tantos, outros, que em todos os tempos as crenças do povo teem produzido. Ha ali archivada a anciedade de uma familia que sente o infortunio a invadir-lhe o lar, e tambem o annuncio de uma boa nova salvadora; ha o grito de alma de quem se crê attingido por enorme desgraça, e as lagrimas de reconhecimento que arrastam comsigo os vestigios d'ella... E tudo isto é expresso n'uma phrase unica, suprema, — a um tempo dolorida e consoladora — formulada na innocente linguagem aldeã, que jamais distinguiu fórmas differentes para o fallar e para o escrever: — *Omen oculis ne me cæco!*

Porque, na verdade, o que se lê na inscripção, com o que n'ella é licito adivinhar, é precisamente: — *Deo dedicatum omen oclis ne me ceco. Ex voto posuit Severus.* Ou seja, literalmente — Dedicado ao Deus, por ter dito o agouro que eu não ficava cego *dos olhos*. Severo erigiu, por voto.»

A leitura é tão simples que não dá margem a longa discussão. *Oclis (oculis)* e *ceco* (*cæco*) são as unicas palavras dignas de reparo, pela graphia que apresentam; todos sabemos, porém, que ella era corrente nas classes populares.

Pelo que respeita á ausencia do nome da divindade a quem era dedicada a ara, creio que elle estaria no friso superior do monumento, que a estampa parece mostrar arruinado; o que, todavia, só poderá asseverar quem o tiver visto. Sendo assim, é provavel que a palavra desapparecida fosse AESCVLAPIO. Se, porém, está completo, é possivel que estejamos em presença de monumento erigido por christão de conversão recente, encandeiado ainda ás superstições pagãs, muitas das quaes — senão todas — transitaram para a egreja primitiva, como, as do *agouro* e do *voto*, que são as que a lapide consigna. Uma e outra permanecem ainda nos costumes do nosso povo: a primeira, transformada no *deitar das cartas*, nas *sortes*, no *ouvir vozes que passam*, etc.; a segunda, que ainda mantém o caracter religioso, na promessa dos *cirios* e das *figurinhas de cêra*.

Mas, se ao leitor repugna, em absoluto, a associação da idéa do Deus dos christãos com a superstição dos agouros, porque não admittirá, ao menos, que o voto de Severus foi feito áquelle *deus desconhecido*, que tinha altares em Athenas, do que testemunhou Paulo, quando disse: — «... Inveni et aram, in qua scriptum erat: Ignoto Deo?»

Para exgotar a série das hypotheses que o caso me suggere, poderia ainda admittir — se a inscripção denunciasse uma origem *altamente literaria* — que o monumento era dedicado a Venus, divindade que Virgilio e Lucano designaram pela palavra *Deus*.

A pag. 313 temos outra preciosa inscripção, das mais notaveis do livro. O sr. L. de V. acha muito incerta a sua leitura, «pois **ara** pode fazer parte do nome da divindade, ou ser o substantivo commum *ara(m)*». Não pode por isso decidir se o nome do deus, que esta inscripção em todo o caso havia de revelar, será *Aracoaranioniceus* ou *Coaranioniceus:* quanto ao resto, diz não ser mais claro. Aqui a vê o leitor, tal qual o livro a apresenta.

ARACOARANIO
NICEO . I . MAXVINA
AVVI . V . A . S . L . S

Ora, eu supponho, com alguns fundamentos nada para desprezar, que *Aracoaramo* é o dativo de *Aracus Aranius*. nome domestico do bom genio de *Arachne*, a joven tecedeira, victima da emulação de Minerva. Como o leitor bem sabe, os genios, comquanto androgynos, eram sempre representados sob a figura de um mancebo, ao qual não podia convir nome feminino, se nome tivessem. *Aracus-Aranius* seria a denominação familiar do bom genio de Arachne, formada pelo nome grego da moça junto á sua traducção latina, e naturalmente masculinisados: denominação tanto mais graciosa, quando é certo ser onomatopaica, pois reproduzia, com justeza, o ruido do tear, a cada nova volta da lançadeira: *arácusarânhos, arácusarânhos*...

As abreviaturas AVVI não offerecem a menor duvida, e são de todos conhecidas. Do IN de MAXVINA, em vez de M, nem vale a pena fallar-se.

Leio, portanto *Araco-Aramo Niceo Julia Maxima a(ram) v(otum) v(ovit) i(nstitui) V(otum) a(nimo) s(uo) l(ubens) s(olvit)*. Que traduzo: — «A Araco-Aranio, niceno (por Arachne ter culto em Nicéa, cidade da Phrygia), Julia Maxima por promessa fez erigir. De boamente, etc. As duvidas dos mestres sobre se o S medio da clausula seria a inicial de *suo*, é muito para registar-se.

Consideremos agora a supposta divindade de *Arus* que nos apparece nas pag. 314-315.

E' ella fundamentada nas duas inscripções de uma árula achada nas margens do Paiva. Aqui as figuro como m'o permitte a typographia.

A	VOTV
PR	
AE	AR OL
T	AS

O sr. L. de V. não insiste na interpretação da inscripção da esquerda, que se lhe afigura conter o nome do dedicante, embora elle seja difficil de se lêr, e nota que a da direita (que é a da frente da árula) lhe parece

dizer=*Votu(m) Aro l(ibens) a(nimo) s(olvit)*, i. é. «cumpriu de boa mente o voto ao deus *Arus*. E, em nota, nos informa que Hübner propoz por brincadeira, —*Aparet* (!) para leitura da inscripção da esquerda.

Ora, eu creio que a árula de que se trata só tinha primitivamente a inscripção da frente, a qual por ter sido julgada pouco explicita, foi aclarada n'uma das faces lateraes, o que não constitue caso inedito.

Essa aclaração diz certamente: *P(ono) a(ram) Aret(husae)*, dedicatoria aliás confirmada pelo logar em que a árula foi encontrada, visto ser Arethusa uma *nympha fluvialis*.

A inscripção da frente *queria dizer* o mesmo; mas o escrevente, pouco conhecedor de abreviaturas lapidares, entendera sufficiente o AR para designar o nome da nympha. Lia-se d'este modo:—*V(otum) Ar(ethusae). V(otum) l(ubens) a(nimo) s(olvit)*. Quanto ao O por V, na clausula, não é cousa que duvida faça em inscripções antiquissimas, como esta deve ser, antes é um curioso padrão d'essa troca de letras. O nome do dedicante não é expresso nas inscripções; mas é substituido, na face opposta á da *aclaração*, pela tosca figura de um *lancearius*, em posição academica. E' de crêr que não houvesse, lá na terra, outro soldado, ou pelo menos outro soldado tão *elegante*. Ficava, pois, determinada a sua personalidade.

SANCTR
INVESO
CESIO
SACRV
G.LIC
QVINT
CINV
BALS

Temos agora dois monumentos dedicados á nympha Io, nos quaes o sr. L. de V. encontrou os nomes de dois novos deuses: *Runesocesius* e *Arantius*. As duas estampas encontra-as o leitor, respectivamente, a pag. 303 e 322; e aqui vae copiada a primeira, com desdobramento dos monogrammas AN da 1.ª linha e NV da 2.ª, que a typographia não pode representar de outro modo.

O sr. L. de V. lê: *Sancto Runesocesio* (vel *Runeso) Cesio) sacru(m). G(aius) Lic(inius) Quin(c)t < c > inus Bals(ensis)*. E accrescenta que prefere ler *Bals(ensis)*—natural de Balsa—a lêr *V(otum) a(nimo) l(ibens) s(olvit)*.

Está no seu direito.

Este monumento é interessantissimo, quanto a mim,

por ser um voto de *desaggravo* á estatua de Io, que mãos sacrilegas haviam mutilado e despojado dos ornamentos cultuaes.

Leio assim: — *Sanct(ae) r(e)inves(titae) que ces(ae)* (i. e. *caesae) Io sacru(m). G(aius) Lic(inius) Quint....* *V(otum) a(nimo) l(ubens) s(olvit).* Isto é: — «Consagrado á santa, readornada, mutilada Io. Gaio Licinio de boa mente cumpriu o seu voto.»

Pelo que respeita á clausula BALS, parece-me que *votum libens* etc. é a verdadeira leitura: sem esta clausula a inscripção ficaria incompleta, e exigil-a-ia mesmo depois do *balsensis.*

Devo observar que leio por Q a ultima letra da 2.ª linha, e por O a ultima da 3.ª, porque *evidentemente* o canteiro, ao decalcar na pedra estas duas letras, inverteu o modelo, por ignorar que os dois caracteres differiam um do outro. Queira o leitor voltar tambem o livro, para se certificar do que digo.

Vejamos agora a inscripção de pag. 322, onde o sr. L. de V. achou o seu *Arentius*. A reproducção d'ella, que apresento, dispensa a confrontação com a do livro; mas sempre será bom confrontar.

ARENIO
SVNVA
CAMALIF
V.S.L.M.

O sr. L. de V. não chega a dizer-nos por que transformou o ARENIO da lapide em ARENTIO, e lê assim:

Arentio Sunua, Camali f(ilia), votum s(olvit) l(ibens) m(erito). «Ao deus Arencio cumpriu de boa mente o voto Sunua, filha de Camalo.»

E eu leio; — *Ar(am) e(rigit) n(ymphae) Io Sunua Camali filia. V(otum)* etc. «A' nympha Io erigiu esta ara Sunia, filha de Camalo. Cumpriu de boa mente o seu voto.»

Chamo a especial attenção do leitor para o *Io* final da primeira linha da inscripção de pag. 322, que ali apparece bem destacado das letras antecedentes.

Revelanganidaeiguis (?) é o duvidoso nome de outro deus, de quem se fala a pag. 323. Eis a inscripção do respectivo monumento, que o sr. L. de V. lê: — *Rectus Rufi filius Revelanganidaeigui. Votum solvit,* isto é: — Recto, filho de Rufo, cumpriu o voto a *Revelanganidaeiguis* (?)».

Ora a inscripção é bem clara:

Rectus Rufi f(ilius) revelan(ti) Gani(medis) dae(mon)i, cui votum solvit. Isto é: «Recto, filho de Rufo, ao espirito descobridor de Ganimedes, ao qual paga o voto.»

Ganimedes, por haver sido furtado em menino, tornou-se naturalmente *advogado* dos *meninos furtados* ou *perdidos*. Recto, pae amantissimo, teve a infelicidade de lhe desapparecer de casa um dos pequenos, talvez o unico herdeiro. Afflicto, prometteu ao bom genio de Ganimedes levantar-lhe um altar se o petiz apparecesse, e, para o tornar propicio, foi-lhe dando o epitheto de *revelans*, como quem diz *descobridor*. Moveu-se o genio ás lagrimas do papá, e porventura ás do avôsinho Rufo, e eis que entra pela porta dentro o pequenito que, a final de contas, estaria em casa d'uma visinha.

E Recto, fiel á sua promessa, mandou fazer o altar, em cuja inscripção o *methodo* hübneriano descobriu o nome do deus *Revelanganidaeiguis!*

Aerno é outro *deus* (!) cujo nome se diz ter sido revelado em duas lapides, cujas inscripções começam por DEO AERNO. Veja-se pag. 339.

Estas oito letras nunca significaram, porém, *ao deus Aerno*, como dogmaticamente se pretende dar por certo; porquanto nunca houve um *Aerno* em mythologia alguma, e tal nome (?) é mero e gratuito producto — como todos os *Bandiarbariaicos* a que me tenho referido — dos processos de Hübner, apoiado por outros senhores *igualmente versados* no celtiberico, os quaes se limitam a informar-nos, peremptoriamente, que «a philologia do nome é muito difficil», mas nunca se dignaram emittir uma opinião *clara* sobre as inscripções preromanas de Ourique, para que podessemos consideral-os competentes na materia.

O que querem dizer as palavras: — «A philologia do nome é muito difficil?» Querem dizer tão sómente, como em todos os demais casos, que na inscripção inedita, de um monumento inedito, se descobriu o nome inedito de um deus inedito... cuja philologia é muito difficil!

O sr. L. de V. havia de rir-se muito d'este *methodo*

de concluir, se elle tivesse sido inventado por mim. Faço-lhe essa justiça.

Aerno não é, nem nunca foi, um nome. E' a simples abreviatura de *Neptuno*. Tinha este deus, entre os romanos, varios epithetos: —chamavam-lhe *Æquoreus*, por ser o deus do mar; *Romanus*, para o differençarem de Poseidon, o *Neptuno dos gregos; Cornutus* (sem offensa a Amphitrite, sua esposa), em razão de certas excrescencias que lhe sobresaiam da fronte; e até *Aequoreus Jupiter* lhe chamaram, para bem accentuarem o seu soberano poder no *salso elemento*.

DEO AERNO deve lêr-se: *Deo Ae(quoreo) R(omano) N(eptun)o*, que é a sua significação unica. — «Ao romano Neptuno, deus do mar»

O nome de Neptuno sempre foi facil de reconhecer, nas inscripções latinas, pela associação das letras RN. Encontra-o o leitor, por exemplo, na transcripção que vem na nota final da pag. 157 do 2.º vol. das *Religiões do Lusitania*, as primeiras letras da qual — I.NORBAV — áparte o I inicial, que julgo seria um D, claramente dizem: — *I(nvicto) vel D(eo) N(eptuno) R(omano) b(onis) a(uspiciis)... ara(m) p(ossuit) v(oto)*.

E tambem o encontra no final da inscripção do monumento reproduzido a pag. 331, onde se lê CORONO, letras que não significam *ao deus Coronus*, mas sim: — *C(ornut)o R(oman)o N(eptun)o*.

Figurava-se a abreviatura de Neptuno pelas letras NO, primeira e ultima do caso dativo d'este nome, e não pelas letras NE pelas quaes o dito nome principia, por causa do equivoco que estas estabeleceriam com os nomes de outras divindades, taes como Nemesis, Neophron, Nereo, Nestor, etc.

E, para concluirmos esta já longa serie de exemplos com que pretendo convencer o leitor da insubsistencia de certas leituras epigraphicas apresentadas pelo sr. L. de V. como *prova* ou mesmo *indicio* da existencia de deuses desconhecidos da velha Lusitania, pedirei ao leitor o favor de abrir o seu livro a pag. 239, e de lêr o artigo que d'ahi segue até final da pag. 265, ácerca de um tal *Tongoenabiagus*. Ora, eu já tenho declarado, e repito ainda, que a minha analyse ao 2.º vol. das *Religiões da Lusitania* apenas incide sobre a interpre-

tação das inscripções latinas alli postas postas por documento, e não constitue uma critica á obra do mesmo senhor, para a qual eu não teria competencia nem auctoridade. Desconheço mesmo o 1.º volume d'ella. Por isso, nada tenho a considerar em relação ao *Tongoenabiagus*, senão o texto da inscripção do monumento em que se pretende fundamentar a descoberta do nome d'este supposto deus. Queira o leitor desdobrar a grande estampa, que vem entre pag. 248 e 249, e examinar o letreiro que fica á esquerda do nicho em que se vê um busto, que eu supponho ser o de *Navia*, divindade cuja existencia o sr. L. de V. sobejamente documenta de pag. 277 a 281, com provas convincentes, e que o monumento, de que tratamos, vem demonstrar ser, na verdade, uma divindade fontenaria, como sua ex.ª muito bem presentia, mas não conseguira averiguar.

A inscripção, qual se vê representada na grande estampa, é esta ...TONGOE NABIAGO, que o sr. L. de V. entende revelar o nome de um deus e dever lêr-se *Tongoenabiago*, dativo de *Tongoenabiagus*. Ha duvidas sobre qual seria a letra inicial, que o sr. L. de V. crê ser T emquanto que outros opinaram por P ou R; e tambem ha duvidas sobre se um mal desenhado I que apparece adiante da inscripção, lhe pertence ou não.

Em todo o caso, aquella serie de letras, desacompanhada, como está de qualquer formula dedicatoria ou expressão de veneração, repugna *à priori* ao leitor de inscripções latinas, como sendo o nome de uma divindade.

Mas a leitura é extremamente facil, e diz simplesmente:

Pon(endum) coe(lestis) Nabia(e) co(eravit) (vel *co(erav)i*, se houvermos de admittir o I, defeituosamente figurado no final, como pertencendo á inscripção). Isto é: «Teve, ou tive, o cuidado de erigir em honra da celeste Navia.»

O facto de eu tomar os GG por CC, sabe o leitor que não constitue um artificio.

Seria interessante apurar-se d'onde procedia a agua que primitivamente corria n'esta fonte. O qualificativo *coelestis* da inscripção podia muito bem ter um sentido equivoco, e dar idéa da agua vir de uma cisterna.

*

De tudo quanto deixo dito, parece-me poder concluir-se que a documentação epigraphica apresentada pelo sr. L. de V. em apoio da descoberta de tantos *novos deuses* da antiga Lusitania, deixa muito a desejar, ou antes, está muito longe de constituir prova das suas conclusões; e isto, porque no *methodo* seguido para a sua leitura, se abstrahe completamente da mythologia, dos usos e costumes romanos, e quasi até da lingua latina e das mais vulgares fórmas e abreviaturas da sua epigraphia monumental, sob a preoccupação unica de encontrar vestigios de linguas desconhecidas. O leitor da inscripção não começa por transportar-se ao meio em que ella foi escripta, isto é, ao meio romano; não presuppõe que aquellas palavras sejam genuinamente latinas, e que estejam ordenadas segundo certas regras bem conhecidas; não attende ás innumeras abreviaturas classicas adoptadas na sua epigraphia, e ao logar do texto em que ellas são provaveis; não espera encontrar nomes de divindades gregas e romanas, titulos e funcções da Republica ou do Imperio, etc. por que se sente dominado pela idéa fixa de encontrar, de descobrir nomes, deuses, costumes e linguas de civilisações mais antigas.

E é por isso que passa por *Iliense* sem se lembrar de Troya, por *Aracoaranio* sem se lembrar de Arachne, por *Io* sem vêr a nympha, pelo inconfundivel *Iarba* sem reconhecer n'este nome o do filho de Garamante, e, emfim, pelo proprio nome de *Navia*, que presente ser o de uma divindade fontenaria, sem que este nome e o logar em que o encontra lhe suggiram a almejada conclusão, que o monumento se esforça, em vão, por offerecer-lhe.

Ninguem põe, ou pretende pôr em duvida a competencia do sr. L. de V. em assumptos de archeologia, competencia aliás bem affirmada em alguns trabalhos de valor scientifico: o que apenas se pretende demonstrar é a insufficiencia do methodo seguido no seu livro para a leitura de certas inscripções latinas.



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 11 15 05 009 5